

UMA ETNOGRAFIA ENTRE OS CHIAPAS: ARTISTICIDADE, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES, EDUCAÇÃO MUSICAL.

Ciro Fuerst Pacheco, Vania Beatriz Muller

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, se refere à uma revisão bibliográfica pelas pesquisas do antropólogo Professor Dr. Martín de la Cruz Lopes-Moya, considerando os vastos subsídios epistemológicos e metodológicos que elas nos aportam. Em mais de 35 anos de estudos entre e sobre a cultura Maya, ressaltamos como primordial seu conhecimento dos grupos culturais locais, nos diversos bairros e imediações de San Cristóbal de las Casas, no estado de Chiapas, região designada para nosso trabalho de campo.

DESENVOLVIMENTO

Este estudo analisou alguns capítulos do livro: *Etnorock II. Diez años después* (2024), escrito em colaboração com vários autores, é um desdobramento de outro livro lançado dez anos antes chamado *Etnorock. Los rostros de una música global en el Sur de México* (2014). Um significativo apontamento nos vêm, na Introdução do livro *Etnorock II. Diez años después* (2024):

El rock cantado en una diversidad de lenguas originarias o idiomas regionales situadas en diversas regiones de México, como en otras del continente, es un claro ejemplo de las convergencias culturales y de encuentros de saberes múltiples, de memorias, de pertenencias, de las industrias culturales, de dinámicas, festivales y proyectos políticos. (Lopes-Moya, 2024).

No mesmo livro, o capítulo intitulado *Indígena o Etnización del Rock* nos indica que em um mundo hiperconectado, elementos de consumo são englobados em maior ou menor medida nas práticas tidas como tradicionais. No estado de Chiapas, um dos principais elementos foi a inclusão do rock como uma forma de prática musical e transmissão cultural incorporados na forma do etnorock. Mas por que etnorock ao invés de simplesmente rock? Nas palavras do autor, Prof. Zebadúa Carbonell:

La aparición del término “etno” para referirse al rock hecho por jóvenes indígenas, la palabra ha causado mucho interés y polémica, en más de las veces no exenta de polarización, por lo que hay una necesidad de problematizar, tanto por la expectativa generada al respecto, como el uso que los propios sujetos juveniles roqueros hacen de ello. (Carbonell, 2024).

Nas últimas três décadas, o rock expandiu-se para comunidades rurais e indígenas, dando origem a novas expressões, como o etnorock. Em Chiapas, jovens indígenas passaram a combinar suas línguas e tradições musicais com elementos do rock, fortalecendo suas identidades culturais. A partir dos anos 1990, especialmente após o movimento neozapatista de 1994, essas manifestações ganharam visibilidade e se expandiram para outras regiões do México e da América Latina. (Lopes-Moya, 2024)

Um desses casos dessa expansão é mostrado pelo autor, Prof. Ariel García Martínez, no capítulo *Del etnorock al etnorap: apropiaciones y narrativas musicales entre las juventudes del Totonacapan del siglo XXI*. Una revisión etnográfica, em que discorre sobre a incorporação de elementos musicais do rap em Totonacapan. Outro exemplo, vem no capítulo escrito pelo Prof. José

Carlos López López, chamado Nuestra lucha es salvar tradiciones. Hip hop entre jóvenes mixepopolucas de Sayula de Alemán (Istmo Veracruzano), caso semelhante mas com a incorporação do hip hop.

O autor Prof. Juris Tipa analisa o racismo na indústria musical mexicana a partir de bandas de etnorock de Chiapas, destacando que a etnização do “rock indígena” pode gerar oportunidades, mas também barreiras estruturais. Essa condição contribui para uma limitação de reconhecimento, trajetórias profissionais e identitárias desses músicos.

RESULTADOS

Os jovens indígenas que adotam o etnorock e outros gêneros musicais como forma de expressão demonstram que as culturas indígenas estão em constante transformação e diálogo com diferentes culturas e tecnologias. O etnorock ampliou suas possibilidades ao incorporar estilos como etnorap, dub e trap, acompanhando as mudanças nos interesses e experiências das novas gerações.

Apesar dessas transformações, artistas indígenas ainda enfrentam preconceito, racismo e dificuldades para conquistar espaço na indústria musical. Nesse contexto, a música torna-se uma forma de resistência, afirmação da identidade e enfrentamento das heranças do colonialismo.

Assim, o etnorock e outras expressões da música indígena mostram que tradição e identidade podem ser reinventadas sem serem abandonadas. Por meio da música, os jovens indígenas reafirmam suas identidades, preservam elementos de sua cultura e, ao mesmo tempo, dialogam com o mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Etnorock II. Diez años después* (2024) propõe uma série de reflexões sobre as transformações ocorridas durante a década que separa esta obra de sua primeira edição, ao mesmo tempo em que questiona conceitos e contribui para o aprofundamento dos estudos sobre o tema. Dentro desse processo, o livro nos mostra que os povos indígenas têm mantido e fortalecido suas identidades por meio da adaptação, da interação e da resignificação de suas práticas culturais, no México, e também em outros contextos latino-americanos. Nesse sentido, a música e as demais manifestações artísticas constituem importantes formas de expressão, resistência e reafirmação cultural, contribuindo para a permanência e a renovação das identidades indígenas.

Palavras-chave: etnorock; decolonialidade; cultura Maya.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

López Moya, Martín de la Cruz, Juan Pablo Zebadúa Carbonell y Juris Tipa (2024). *Etnorock II. Diez años después*. Tuxtla Gutiérrez: Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica-Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas.

López Moya, Martín de la Cruz, Efraín Ascencio Cedillo, Juan Pablo Zebadúa Carbonell (2014) *Etnorock*. Los rostros de una música global en el Sur de México. Cesmecha-Unicach, Juan Pablos Editor. México.